

## LUGARES DO CULTO DE SÃO GONÇALO NO TERRITÓRIO DA ACTUAL DIOCESE DO PORTO

*Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha \**

Encanto-me sempre com o relato dos milagres de São Gonçalo de Amarante escrito por Fr. Diogo do Rosário, na sua *História das vidas e feitos heróicos e vidas insignes dos santos*, publicada em 1567. Sabem a povo. Por ali passam uma "D. Isabel [que] pario", Briolanja Gomes, da rua de S. Miguel, no Porto, uma outra, Beatriz, da rua das Taipas, Isabel Gonçalves que vivia na rua de Belmonte, etc.

De facto, nos séc.s XVI e XVII, a devoção a S. Gonçalo estava já na alma popular. O túmulo de Amarante era mesmo uma das "casas que há em Portugal ... de [maior] devoção e romaria"<sup>1</sup>: «é tal a dimensão do seu culto, tal o concurso da gente que acorre ao seu túmulo, que, nomeadamente no tempo de Verão, quem quer que passe por qualquer das estradas desta região [entre o Vizela e o Tâmega] é impossível que não repare nos que para lá se dirigem a cumprir suas promessas ou não ouça os ranchos que por todos os lados atroam os ares com flautas as mais variadas e muitos outros instrumentos musicais populares da província. E por isso muitos devotos, com mais frequência que a Compostela, se dirigem a Amarante, que de resto fica mais perto»<sup>2</sup>.

A muitos outros níveis se fazia sentir a força desta devoção.

Antes de mais, serviu de modelo e inspirou vidas. Frei Gonçalo Diaz de Amarante, nascido numa freguesia muito próxima desta vila, Folhada, em 1566, depois de uma infância e educação muito semelhantes às de São Gonçalo, e de algum modo por ele inspirado, depois de uma vida dura de marinheiro e naufrágios, professaria no Peru na Ordem de Nossa Senhora

---

\* *Universidade Católica Portuguesa - Porto.*

<sup>1</sup> Como se diz na lista destes santuários incluída no Códice 655 da BNL, "escripta no Anno de 1640, pelo Rev.mo Conigo Simão Vaz Barbosa", fl.s 11-28.

<sup>2</sup> SAMPAYO, Estêvão de - *Thesaurus Arcanus Lusitanis Gemmis refulgens*, Parisiis: apud Thomam Perier, 1586, p. 154.

das Mercês da Redenção dos Cativos, dedicando-se muito particularmente ao cuidado dos pobres e dos escravos negros da cidade de Lima, onde morreu com fama de santidade<sup>3</sup>. Nunca foi beatificado, apesar de haver sido introduzido um processo com tal fim na Sagrada Congregação dos Ritos, em 1677<sup>4</sup>. Em 1650, professou no Mosteiro agostinho de Grijó Frei Alberto de São Gonçalo (1635-1688), natural de Amarante onde tinha nascido em 1635, e que morreria em Goa nomeado Arcebispo Primaz do Oriente, mas antes de o saber. Um pouco mais tarde, Luiz de Magalhães Coelho, também natural de Amarante, tomou o nome de Frei Patrício de São Gonçalo quando professou no convento de S. Francisco da Figueira, em 1707<sup>5</sup>.

Mais do que isso, porém, São Gonçalo seria mesmo bandeira de um decidido plano de renovação pastoral que, concebido e levado a cabo pelos dominicanos, se fez sentir sobretudo no Norte de Portugal. Os diversos conventos desta Ordem seriam o seu ponto de irradiação. Com o século XVIII, entretanto, a figura de São Gonçalo perderia fulgor, e a sua devoção, a maior em Portugal depois da de Santo António de Lisboa, degradar-se-ia mesmo rapidamente.

Não é este o lugar para falar da figura histórica deste vulto da nossa Meia Idade, tão pouco do seu culto, nem pretendo dilucidar de vez todas as dúvidas ou perguntas, e são muitas, que se levantam à sua volta<sup>6</sup>. Pretendo apenas, e sabendo que corro o risco de não ser exaustivo, referir os lugares de culto gonçalino ainda existentes ou já extintos no território actual da Diocese do Porto. Este trabalho foi-me pedido muito em cima da hora da sua publicação e não pude verificar se algumas ermidas *olim* existentes estão ainda de pé e ao culto. Nesses casos cito a fonte da informação que recolhi.

<sup>3</sup> COLOMBO, Fray Felipe - *Vida del Servo de Dios V. P. Fray Gonçalo Diaz de Amarante*, Madrid: Antonio Gonzalez de Reyes, 1678. Ver ainda, da minha autoria "*Fray Gonçalo Diaz de Amarante (?-1618)*", in *Humanística e Teologia*, Revista da Faculdade de Teologia da Universidade Católica do Porto, XXI (2000) 337-378.

<sup>4</sup> *Catalogus Supplicationum super virtutibus, & miraculis Serui Dei Fr. Gundisalvus Diaz de Amarante, pro introductione causa* (Romæ: Ex Typis Reu. Cam. Apostolica, 1680), e *Positio super dubio* (Romæ: Ex Typis Reu. Cam. Apostolica, 1732).

<sup>5</sup> PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme - *Portugal, Dicionario Histórico, artistico, chorografico, biographico, bibliographico, heraldico, numismatico e artistico*, Vol. VI (Q-S), Lisboa, 1912, p. 680.

<sup>6</sup> Ver CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da - *São Gonçalo de Amarante, um vulto e um culto*, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, 1997.

## I . O culto de São Gonçalo

Tendo sido embora eminentemente popular, o culto de São Gonçalo espalhou-se de modo especial, como mancha de azeite, sobretudo nas zonas envolventes dos mosteiros dominicanos e ao longo do que podem chamar-se os caminhos jacobeus portugueses<sup>7</sup>.

### 1. A irradiação dominicana

Na zona de Amarante, entregue até ao séc. XVI ao cuidado pastoral da Colegiada de Guimarães como se sabe da sua documentação, tudo se alteraria a partir de 1540 com a fundação do convento de São Gonçalo. Desapareceria então a velha paróquia de "Santa Maria da Vila de Amarante Maior", conhecida desde o séc. XIII, substituída pela de São Gonçalo, criada a partir do novo mosteiro. Naquele mesmo ano, D. João III entregaria aos dominicanos os vizinhos mosteiros crúzios de Mancelos (hoje conhecido de Marco de Canavezes) e de Freixo de Baixo (Amarante). Ao lado deste Freixo, um outro, o de Cima, tornar-se-ia curato anexo a São Gonçalo de Amarante. Estava criada uma alargada zona de influência dominicana. O concurso de peregrinos ao túmulo de Amarante, mais até talvez que a própria iniciativa pastoral dos dominicanos na zona, faria o resto. Não é difícil descobrir, à sua volta, as marcas de uma grande devoção gonçalina.

Um pouco ao largo, existia já um outro convento dominicano na cidade do Porto, desde 1238. Foi mesmo o terceiro a ser fundado em Portugal depois dos de Santarém (1222) e Coimbra (1227). Conheceria grande esplendor o convento portuense e desempenharia, também ele, um grande papel na referida acção pastoral patrocinada pelos dominicanos. À volta da cidade, nomeadamente a sul, é bastante intensa a mancha da devoção gonçalina. Diria que, enquanto Amarante é ponto de convergência da devoção e romaria gonçalinas - "um moesteiro ... visitado de muitas gentes", escrevia Duarte Nunes do Leão em 1610<sup>8</sup> -, o Porto é centro de uma vasta região onde ela penetrou funda e uniformemente.

<sup>7</sup> Há um terceiro caso que é o das zonas entregues pastoralmente ao cuidado da Colegiada de Guimarães. No território actual da Diocese do Porto não havia nenhuma, se exceptuarmos exactamente o caso de Amarante, então pertencente à Arquidiocese de Braga. Mas esta influência vimaranense deixaria de se fazer sentir pelo menos após a criação do convento dominicano de São Gonçalo em 1540. Sobre isto, ver o meu trabalho acima citado.

<sup>8</sup> LEÃO, Duarte Nunes do - *Descrição do Reino de Portugal*, 3ª ed., Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, p. 220.

Pouco depois do convento de Amarante e a sul, surgiria em 1559 o de Santo André de Ancede. A região estava já habituada à presença da vida religiosa, eremítica primeiro, depois monástica, desde tempos imemoriais. Chegados os dominicanos naquele ano de 59 - Trento demoraria ainda uns quatro anos a fechar os seus trabalhos - também aqui haveria de sentir-se a presença da renovação pastoral trazida pelos mendicantes. À volta de Ancede, como dos conventos dominicanos em geral, são de facto mais intensos os testemunhos da devoção a São Gonçalo (e não refiro aqui os da zona sul do Douro fronteira a Ancede, que pertence hoje à Diocese de Lamego, e que são bastantes).

## 2. Os caminhos jacobeus

A devoção a São Gonçalo espalhou-se também ao longo dos caminhos da viandância em geral e particularmente da peregrinação jacobea, aparecendo quase sempre ao lado de antigos caminhos e muitas vezes associada à de Santiago de Compostela. Por ter sido também ele um peregrino, São Gonçalo tornou-se rapidamente o patrono dos caminhantes em geral e dos peregrinos em particular, uma verdadeira "devoção paralela" dos caminhos jacobeus portugueses. Desde logo, a igreja do convento de Amarante, dedicada a São Gonçalo mas com um altar de Santiago, e o altar mor da paroquial de Santiago de Custóias (Matosinhos), lado a lado as imagens dos dois, o mostram.

Pouco a pouco, a própria peregrinação jacobea seria mesmo substituída pela demanda de Amarante. Já Estêvão de Sampaio o reparara, no séc. XVI, como atrás se referiu: "Muitos devotos, com mais frequência que a Compostela, se dirigem a Amarante, que de resto fica mais perto"! Só neste contexto se entende, por exemplo, a decisão da Câmara de Guimarães que, em sessão de 22 de Agosto de 1624, garantiu ao Hospital da Misericórdia da Vila uma pena de água para que este pudesse assistir convenientemente aos muitos peregrinos que por ali passavam, visto "ser de passagem para S. Tiago da Galiza e S. Gonçalo de Amarante"<sup>9</sup>. Logo a seguir, após 1640, a devoção a São Gonçalo começa mesmo a substituir algumas outras de origem espanhola: assim, por exemplo, para os cônegos de Lamego, "após a restauração de Portugal, em 1640, as romarias a

<sup>9</sup> Arquivo Municipal Alfredo Pimenta de Guimarães, 6<sup>o</sup> Livro das Vereações da Câmara, fl.s 53-54.

Compostela e Senhora de Guadalupe seriam comutadas pelas da Senhora da Lapa e São Gonçalo de Amarante<sup>10</sup>. E outros exemplos se poderiam referir.

Em caminhos que demandassem Compostela ou Amarante, ao lado da estrada, em ermida construída normalmente no séc. XVII ou XVIII, numa antiga capela de outra qualquer devoção, junto de uma ponte ou de um outro lugar onde bom seria que houvesse uma, aí surgiu muitas vezes um bálsamo para a dureza do caminho, um apelo sagrado à metáfora da vida que é um passar a caminho de um além: uma capela dedicada a São Gonçalo.

Assim se compreende que, quando estas romarias ou clamores a santuários de nomeada começaram a criar problemas à autoridade eclesiástica ou mesmo civil e tiveram de ser suspensos, as Constituições Sinodais do Porto de 1690 tivessem ordenado: "Mandamos, que daqui em diante, não vão as ditas procissões à Igreja, ou Ermida, que esteja distante mais de hua legoa, & que se fação sempre pela manhã, & as que até o presente hião a Ermidas mais distantes, as reduzimos a outra, que esteja dentro da dita legoa, fora do lugar, ainda que sejaõ de voto. E não he nossa tenção comprehender as de S. Gonçalo de Amarante, & do Senhor de Bouças, por serem Igrejas de grande, & continua devoção"<sup>11</sup>.

## II. Testemunhos do culto de São Gonçalo

Na Bula *De constituendo Amarantensi Cœnobio*, de 7 de Maio de 1542, Paulo III dizia que o Mosteiro de São Gonçalo se fundava para que os dominicanos "na dita igreja celebrem a Missa e a Palavra de Deus para os fiéis, tanto peregrinos como indígenas, e os ouçam em confissão, de modo que se conserve o copiosíssimo número [de uns e de outros] e, em consequência, na dita igreja floresça o culto divino, e a devoção dos fiéis ao Santo e a Deus não só se mantenha, mas cresça e propague dia a dia, potenciando a salvação das almas e a consolação espiritual dos muitos peregrinos e dos fiéis em geral"<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, I, Lamego, 1977, p. 259, nota 2.

<sup>11</sup> *Constituições Synodais do Bispado do Porto, [feitas por] Dom Ioam de Sousa*, Porto: por Joseph Ferreyra, 1690, p. 250.

<sup>12</sup> *Bullarium Ordinis FF. Prædicatorum*, Tomus VII, Romæ, 1739, pp. 141-142.

Como levaram os dominicanos à prática este desiderato, não é aqui a questão. Tão só nos interessa saber os testemunhos directos que chegaram até nós da enorme devoção a São Gonçalo que, partindo sobretudo de Amarante, correu o território actual da Diocese do Porto.

### **1. As paróquias**

É natural que, numa região de tão vetusta cristianização como a do Porto, de tecido paroquial tão antigo, não haja praticamente paróquias dedicadas ao santo de Amarante. Elas são mais frequentes, apesar de tudo, em Trás-os-Montes, pois que, possuindo embora esta província uma malha paroquial muito mais recuada, acabou por sofrer modificações mais profundas ao longo dos séculos, e nomeadamente no período posterior a Trento. Não assim no Porto, portanto. Mesmo assim, há na diocese duas paróquias dedicadas a São Gonçalo. Da primeira - São Gonçalo de Amarante - se falou acima. A outra é a de Mosteirô, Vila do Conde.

Conhecida desde o séc. XII como "São Salvador de Mosteirô" - e "depois Santa Maria", acrescenta Carvalho Costa em 1706 -, mudaria de orago na primeira metade do séc. XVI. Um documento de 1527 fala já em "Sam Gonçallo de Mosteyroo". É natural que mesmo antes desta data se tivesse iniciado um processo que redundaria na mudança de orago. Logo depois, seria bispo do Porto de 1536 a 1550 D. Baltasar Limpo. Suceder-lhe-ia na Diocese D. Rodrigo Pinheiro, de 1552 a 1572. Entretanto, a documentação retoma a designação "São Salvador do Mosteiro". Que papel terão jogado nesta mudança D. Rodrigo Pinheiro, que, antes de ser Bispo do Porto, na qualidade de Provisor do Arcebispo de Braga, havia participado na inquirição sobre a antiguidade do culto de São Gonçalo, mandada fazer por Pio IV? E D. Baltasar Limpo que, como Bispo do Porto, foi quem uniu a freguesia ao padroado do Mosteiro de S. Bento do Porto, mas antes de o ser tinha também participado no inquérito sobre a imemorialidade do culto gonçalino? A verdade é que, nos inícios do séc. XVIII a paróquia é definitivamente de São Gonçalo.

### **2. As ermidas de São Gonçalo**

Das 26 ermidas de S. Gonçalo que existem ou existiram na Diocese do Porto, 5 são de clara devoção: a de Galegos, Penafiel, da Casa da Torre,

já profanada em 1907<sup>13</sup>; a da Quinta de Covelas de Rio de Moinhos, Penafiel<sup>14</sup>; a de Sande, Marco de Canavezes, também particular<sup>15</sup>; a da Casa da Capela de Santa Cruz do Douro, Baião; e a da Quinta de Nougado, em Negrelos (S. Mamede), Santo Tirso<sup>16</sup>.

Todas as mais estão claramente situadas nos caminhos jacobeus da região. É muito apetecida hoje esta temática e pode parecer uma generalização sem sentido a que faço. No entanto, corridas por peregrinos ou por viajantes normais, todas elas estão situadas em rotas jacobeias que, do Sul, demandavam Compostela, como o mostra a sua posição no terreno, sempre antecedidas ou seguidas por paróquias ou capelas de Santiago, outras de São Gonçalo ou até de mais devoções paralelas do caminho jacobeu. São assim as de Albergaria-a-Velha (lugar de Sobreiro), que deve datar dos fins do séc. XVII<sup>17</sup>; a desaparecida de Arouca que existiu no adro da igreja do Mosteiro<sup>18</sup>; a de Ataíde (lugar de Marmoiral), Amarante, que estava em construção em 1907<sup>19</sup>; a de Castelões (lugar da Coelhosa), Vale de Cambra<sup>20</sup>; a de Covelas (lugar de Quereledo), Santo Tirso, com festa que ainda se realiza anualmente em Janeiro; a de Eiriz, Paços de Ferreira; a de Santiago de Lustosa, Lousada (notar aqui, mais uma vez a devoção de S. Gonçalo em terra de Santiago); a de Macieira, Lousada; a de Monte Córdova (lugar da Costa), Santo Tirso; a de Palmaz (lugar de Sobreiro), Oliveira de Azemeis<sup>21</sup>; e a de Perafita (lugar de Pampelido), Matosinhos. A do lugar de Nojões, da freguesia de Real, Castelo de Paiva, merece uma referência especial. Inicialmente da invocação de Santo André - devoção mais antiga - juntou-se-lhe depois a de S. Gonçalo, certamente por estar situada num ponto de muita passagem para quem do sul do Douro cruzava o rio na zona de Entre os Rios. Mas tem uma outra particularidade importante: era «de grande utilidade para a distribuição de sacramentos

<sup>13</sup> Anuário Ecclesiástico da Diocese do Porto de 1907 (de seguida, citarei apenas Anuário 1907).

<sup>14</sup> Anuário 1907.

<sup>15</sup> Anuário 1907.

<sup>16</sup> Citada no *Igrejário de Braga*, com documentação de 1693.

<sup>17</sup> GONÇALVES, A. Nogueira - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro (Zona Sul)*, Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1959, p. 154.

<sup>18</sup> COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, IV, Lamego, 1984, p. 453.

<sup>19</sup> Anuário 1907.

<sup>20</sup> Anuário 1907.

<sup>21</sup> GONÇALVES, A. Nogueira - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro (Zona Norte)*, Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1981, p. 154.

aos enfermos»<sup>22</sup>. De facto, o concílio de Trento aconselhara e ordenara mesmo que, nas povoações onde não houvesse lugar de culto por distantes da paroquial, se criassem pequenos templos que pudessem servir as populações. Estas orientações haviam de cumprir-se de muitas maneiras e a diversas velocidades. Tardiamente embora, bem mais tarde, as *Constituições Synodales do Bispado do Porto*, de D. João de Sousa, de 1687, dão-nos conta deste propósito pastoral: "quando algu,~ s fregueses estiverem muito afastados da Igreja Parochial ... [ordenamos] que ao menos ouçaõ Missa todo o anno, ou parte delle em outras Igrejas mais visinhas, ou que lhes administrem nellas algu~s, Sacramentos, e vaõ receber os outros a suas parochias; ou nos tais lugares, e povoações se edifiquem Ermidas ... e se façaõ, quanto for possivel, perto dos caminhos, e estradas, e com janelas, ou frestas de grades de ferro pera, os que passarem, poder fazer oraçaõ nellas. E quando nossos Visitadores acharem, que ha aldeas taõ distantes da Igreja Parochial, que com decencia, e conveniencia se naõ pode levar o Santissimo Sacramento aos enfermos, pelo menos em tempo de inverno, ordenem, e mandem, que se edifiquem nellas Ermidas"<sup>23</sup>. Esta é a razão de ser de esta capela de Nojões, bem distante da sua paroquial de Santa Marinha de Real, ter sido «de grande utilidade para a distribuição de sacramentos aos enfermos»!

88

Nesta mesma lista incluo ainda a de Real, Amarante, que se encontrava demolida em 1726 mas voltaria a ser reconstruída em meados do século XVIII<sup>24</sup>; a de Refontoura (lugar da Torre), Felgueiras; a de Ribadouro (lugar da Pala), Baião, paróquia desmembrada recentemente da de Ancede do mesmo concelho (frente a Porto Antigo, no concelho de Cinfães, onde era tão bom que houvesse uma ponte!, como veio a acontecer no séc. XX, com a de Mosteirô); a de S. Paio da Portela (lugar de Jogueiros), Penafiel (ao lado de uma velha calçada, romana?); a de S. Martinho de Penafiel<sup>25</sup> a desparecida de Santo Adrião de Vizela, Felgueiras<sup>26</sup>; as duas, a antiga e a nova,

<sup>22</sup> COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, IV, Lamego, 1984, p. 444).

<sup>23</sup> Transcrição in MOREIRA, Domingos A. - «*Freguesias da Diocese do Porto. Elementos onomásticos altimedievais, I Parte*», Separata de *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto* (Vol. XXXIV, fasc. 1-2), 1973, p. 91-92.

<sup>24</sup> CRAESBECK, Francisco Xaxier da Serra - *Memórias ressuscitadas da província de Entre Douro e Minho*, II, Ponte de Lima: Carvalhos de Basto, p. 163.

<sup>25</sup> FERREIRA, José F. Coelho - *As freguesias do Bispado de Penafiel*, Penafiel: Separata de Conferências, 1987, p. 93.

<sup>26</sup> Esta capela já não existia nos finais do séc. XIX. Resta, porém, o topónimo, segundo a regra da hagiotoponímia que diz que todo o topónimo que leve o nome de um santo dá notícia de um lugar do seu culto. É o único hagiotopónimo nestas circunstâncias que conheço na Diocese do Porto; todos os mais dão conta de um lugar de culto que ainda existe.

de Sobrado, Valongo; a de Teixeira (lugar de Mafômedes), Baião; a de Torno (lugar da Veiga), Lousada<sup>27</sup>; e finalmente a de Válega, Ovar, que é directamente responsável pelo topónimo "São Gonçalo" que se conserva.

### 3. As imagens

As capelas de São Gonçalo implantaram-se no terreno ao lado dos mais utilizados caminhos do Portugal antigo; de facto, os dominicanos pregavam, preferentemente "nas encruzilhadas, nos mercados ou nas esquinas das ruas"<sup>28</sup>, e "as ermidas [que se edificuem]... se fação, quanto for possível, perto dos caminhos ou estradas"<sup>29</sup>.



Diante desta velha calçada está situada a Capela de São Gonçalo, em Jogueiros, Portela (Penafiel)

As imagens, não. Elas dão conta sobretudo de uma devoção intensa: estão um pouco por todo o lado, espalhadas pela Diocese, por todas aquelas terras, do norte e do sul, do litoral e do interior, cujas gentes demandavam Amarante em romaria ou clamor.

Não pretendo aqui fazer-lhes uma lista exaustiva. Mas há que reparar que, nuns lados mais que noutros, são mais frequentes.

<sup>27</sup> Anuário 1907

<sup>28</sup> HINNEBUSCH - *Breve História da Ordem dos Pregadores*, Porto: Figueirinhas, 1985, p. 55.

<sup>29</sup> *Constituições Synodales do Porto*, acima citadas.



Imagem de São Gonçalo, na Capela da sua invocação em Jugueiros, Portela (Penafiel)

Assim, por exemplo, no concelho de Vila Nova de Gaia, há imagens de São Gonçalo nas paroquiais de Afurada, Avintes, Coimbrões<sup>30</sup>, Mafamude, Olival, Oliveira do Douro, Pedroso, Santa Marinha e Serzedo. Das nove paróquias citadas, sete são banhadas pelo rio Douro. E a de São Gonçalo é também uma devoção *fluvial*. E afinal são todas muito próximas do Porto, de cujo convento dominicano, o terceiro mais antigo do país, irradiava um forte espírito renovador.

Ainda em Vila Nova de Gaia não podemos esquecer a imagem de São Gonçalo que existe na vetusta ermida de Santa Marinha de Sergueiros (Perosinho), citada já em 1320, na Terra da Ordem de Cristo, sem grande interesse iconográfico até porque repintada recentemente sem as cores dominicanas. Trata-se no entanto de uma interessante e antiga povoação, situada no enfiamento de um também antigo caminho que, dos lados de Aveiro ou Coimbra, demandava o Douro.

A sul de Vila Nova de Gaia, no concelho de Santa Maria da Feira, em região de intensa devoção jacobea, há imagens de São Gonçalo nas paro-

---

<sup>30</sup> Em Coimbrões há, mais exactamente, duas imagens de São Gonçalo; uma delas é proveniente do Convento do Corpus Christi (COSTA, Barbosa da - *Memórias Paroquiais* de 1758, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, p. 157 (nota 19)

quiais de Sanguedo, Lourosa (na capela de São Silvestre), Romariz e Mosteirô (na velha igreja paroquial de Santo André de Proselha, que ainda existe e faz hoje parte desta de Mosteirô, há imagem de S. Gonçalo "à qual acode algum povo à romaria no dia 10 de Janeiro, por esta santa imagem ter feito muitos milagres" [*Memórias Paroquiais* de 1758]).

À volta do Porto ainda, em Matosinhos, recorde-se a já citada imagem do altar-mor da paroquial de Santiago de Custóias (mais uma vez a junção das duas devoções paralelas num mesmo lugar), a da paroquial de Perafita, a da capela de Santa Catarina, em Leça da Palmeira<sup>31</sup>, e a de São Mamede de Infesta.

Em Gondomar, outro concelho limítrofe do Porto, há uma imagem (aliás um altar, como noticia Luís Cardoso no seu *Diccionario Geográfico*) na paroquial de Covelo, outra na de Fânzeres, e uma terceira na de Jovim. Depois destes concelhos que sofreram certamente uma maior influência do convento dominicano do Porto, vejamos à volta do de Amarante.

Desde logo as paroquiais de Freixo de Baixo e Mancelos, as antigas igrejas conventuais das casas anexadas por D. João III a São Gonçalo de Amarante, tinham inevitavelmente ainda imagens de São Gonçalo<sup>32</sup>. Na capela de S. Sebastião da Rua, do lugar da Rua, junto à velha ponte hoje quase encostada ao IP3, em Aboadela (Amarante), há uma imagem de S. Gonçalo no altar-mor.

E a de Bustelo, também do concelho de Amarante, tem, na talha de um altar lateral, uma figuração de São Gonçalo, perdidas embora as cores dominicanas, trocadas pelas franciscanas. A fazer perdurar as lutas havidas por aí entre as duas ordens mendicantes?

No concelho de Baião, há necessariamente uma imagem na paroquial de Ancede, antiga conventual do Mosteiro de Santo André, e uma outra na de Covelas.

A norte do rio Douro há mais umas quantas, aqui e ali, sem qualquer nexos ou lógica: na capela de São Lázaro junto da conhecida Ponte de Alfena (Valongo), nas paroquiais de Castelões de Cepeda e de Mouriz, ambas do concelho de Paredes, na antiga paroquial da São Miguel da Maia, e finalmente na paroquial de S. Vicente de Pinheiro, Penafiel.

<sup>31</sup> BENTO, Jorge - *Capelas de Leça da Palmeira*, Leça da Palmeira: Junta de Freguesia, 1993, p. 40.

<sup>32</sup> E digo tinham porque a de Freixo de Baixo terá desaparecido nos anos 40 do século passado, aquando das obras de restauro da igreja (informação do Pároco).



Imagem de São Gonçalo, na Capela de São Lázaro, junto à ponte de Alfena (Valongo)

A sul do Douro, é o concelho de Arouca, terra de intensa devoção e peregrinação jacobeias, o que tem o maior número de imagens: estão nas paroquiais de Cabreiros, Chave e Santa Eulália (duas imagens). Em Castelo de Paiva, há-as na paroquial de Fornos<sup>33</sup> e na capela de Nossa Senhora das Amoras, na freguesia da Raiva<sup>34</sup>. Em Oliveira de Azemeis, há uma imagem na paroquial de Santiago de Riba Ul (mais uma vez as duas devoções a par), e outra na de Cesar.

Na capela de Nossa Senhora da Saúde da Serra, em Castelões (Vale de Cambra), que ficava na rota dos peregrinos de Santiago que vinham do Vouga para o Douro, há também uma imagem de S. Gonçalo. Acabemos pela cidade do Porto: existe uma ainda na paroquial da Foz do Douro.

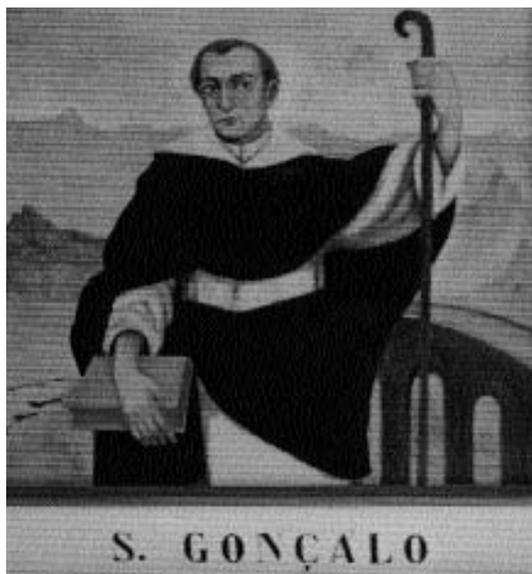
#### 4. Outros testemunhos

Propunha-me referir os lugares de culto (no território) da Diocese do Porto. Acrescento, porém, alguns dados mais que ajudam a definir a intensidade da devoção a São Gonçalo.

<sup>33</sup> COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, IV, Lamego, 1984, p. 439.

<sup>34</sup> Esta imagem pode ter sido roubada não há muitos anos, informação dado pelo Pároco pro tempore que me prometeu confirmar a notícia, o que ainda não consegui.

No domínio da pintura não conheço quase nada, sobretudo nesta Diocese. Existe uma tela com representação de São Gonçalo no Museu de Arte Sacra do Seminário Maior, colocada junto à velha "cabra", cuja proveniência - julgo - se desconhece. Há alguns e curiosos ex-votos em São Gonçalo de Amarante. Um dos muitos caixotões pintados do tecto da paroquial de Bitarães, Paredes, é dedicado a São Gonçalo.



Caixotão da paroquial de Bitarães (Paredes)

Em Pinheiro da Bemposta, Oliveira de Azemeis, construiu-se a "Casa de São Gonçalo"<sup>35</sup>. E surgiriam entretanto as Confrarias e Irmandades de São Gonçalo. Em Mosteirô, Vila do Conde<sup>36</sup>, na capela de São Gonçalo de Covelas (lugar de Quereledo), Santo Tirso<sup>37</sup>, e em Santa Eulália, Arouca<sup>38</sup>, esta erecta cerca de 1722. Mas a mais célebre de todas - certamente sediada no citado altar de São Gonçalo da catedral<sup>39</sup> - é a da Sé do Porto que existia já em 1620<sup>40</sup> e cujos Estatutos foram reformados em

<sup>35</sup> GONÇALVES, A. Nogueira - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro (Zona Norte)*, Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1981, p. 159.

<sup>36</sup> NEVES, Padre Moreira das - *Mosteirô do concelho de Vila do Conde*, Porto: Livraria Simões Lopes, 1933, p. 13.

<sup>37</sup> CARDOSO, Luís - *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades... de Portugal, e Algarve...*, II, Lisboa: Officina Sylviana, 1751, p. 730.

<sup>38</sup> COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, IV, Lamego, 1992, p. 693.

<sup>39</sup> Este altar está hoje colocado na paroquial de Santa Maria de Lamas, freguesia do concelho de Santa Maria da Feira.

<sup>40</sup> AZEVEDO, Carlos de - «A cidade do Porto nos relatórios das visitas "ad limina" do Arquivo do Vaticano», in *Revista de História* do Centro de História da Universidade do Porto, II (1979) 21.

1768<sup>41</sup>. A eles se encabeçariam em 1797 os "Officiaes do Officio de Latoeiro. Assim de Obra de Chapa, Martello, e Fundiçoens grossas, como tambem os de Fundiçoens, e Cravaçoens"<sup>42</sup>. Estavam já os tempos a mudar!

Notícia mais tardia diz-nos que era neste mesmo altar "Na Sé do Porto, [que] tinha o Santo festa notável, havendo fora da porta principal um leilão muito concorrido. Diante do próprio altar do Santo, havia danças extravagantes, em que tomavam parte donzelas e viúvas, meneando-se com espantosa desenvoltura, e entoando coplas de fazer corar toda a gente"<sup>43</sup>. Desta mesma festa, diz Almeida Garrett em *O Arco de Sant'Ana* (de 1845): "Dançar, dançavam os Cónegos do Porto, ainda em tempo de minha avó que o viu, e mo contava quando eu era pequeno. Dançavam, sim, diante do altar de S. Gonçalo, no seu dia"<sup>44</sup>.

E podia ainda referir a festa de São Gonçalo, dos Mareantes do rio Douro, que acaba na paroquial de Mafamude, Vila Nova de Gaia, mas essa é uma história complicada de mistura de invocações e de bairrismos, cozinhada nos fins do séc. XIX ou mesmo já no XX.

Estava a devoção de São Gonçalo a chegar ao fim e a entrar nos domínios da etnografia!

<sup>41</sup> *Estatutos da Confraria do milagroso S. Gonçalo d'Amarante, collocado n'esta Santa Sé do Porto Cathedral e Compromisso dos Officiaes do Officio de Latoeiro* in Manuscrito nº 1586, da BPMP.

<sup>42</sup> Ver o *Compromisso dos Officiaes do Officio de Latoeiro* in Manuscrito nº 1586, da BPMP, e *Alvará de Confirmação do Juiz de Fora do Cível de 11 de Janeiro de 1797* deste *emcabessamento*, no manuscrito 1553 da BPMP.

<sup>43</sup> NEVES, Padre Moreira das - *Mosteiró do concelbo de Vila do Conde*, Porto: Livraria Simões Lopes, 1933, pp. 17/18.

<sup>44</sup> GARRETT, Almeida - «*O Arco de Sant'Ana*», in *Obras Completas de Almeida Garrett*, Vol. I, Porto: Lello & Irmão, 1982, p. 281.